

FUNCIONALISMO ALEMÃO E TRADUÇÃO DE LITERATURA IMIGRATÓRIA GERMAN FUNCTIONALISM AND THE TRANSLATION OF MIGRATION LITERATURE

Adriana Maximino dos Santos¹ & Manuela Acássia Accácio²

RESUMO: Este artigo objetiva aplicar o modelo de Christiane Nord de análise de texto à tradução em um corpus de literatura de imigração alemã, bem como discutir as soluções encontradas durante o processo tradutório com base na abordagem funcionalista. O corpus compõe-se do livro *Die Frau des Auswanderers*, publicado em 1921 na Alemanha por Emilie Heinrichs e sua tradução “A Mulher do Imigrante” em vias de publicação no Brasil. Concluímos que o emprego deste modelo orienta as estratégias tradutórias e continua válido mesmo na ausência de determinados fatores da análise do corpus. Este estudo indica também a proficiência de textos de imigrantes para estudos acadêmicos na área de Literatura, Linguística e História.

PALAVRAS-CHAVE: Funcionalismo. Literatura de Imigração. Textos Históricos. Tipologia Textual. Tradução.

Introdução

Sem as traduções seriam inviáveis as comunicações entre países e a transmissão de conhecimentos, ou seja, trata-se de um processo comunicativo importante para as culturas. Além do domínio de línguas, exige-se do tradutor conhecimentos das culturas de partida e chegada, experiências em certas áreas do saber, domínio de tecnologia que o auxilie. Contudo, a arte de pesquisar é freqüentemente esquecida ou desconhecida. Este espírito investigativo, se não por dizer, desconfiado daquilo que se apresenta no texto, leva o tradutor à busca de expressões e terminologias correspondentes, como também ao aprofundamento sobre os contextos históricos-culturais.

Neste artigo, pretendemos refletir sobre o processo tradutório, não focando apenas nas dificuldades de tradução, mas discutindo as dimensões que tomam a tradução de um livro e as intersecções culturais e disciplinares que o envolvem. Estas reflexões são frutos da deliberação entre tradutora e revisora. Portanto, objetivamos através do livro e da tradução de *Die Frau des Auswanderers*: Erlebnisse einer Kolonistenfrau in Südbrasilien (*A mulher do imigrante*: vivências da esposa de um colono no sul do Brasil) (1921), de Emilie Heinrichs, pesquisar os entornos do texto e lançar um olhar para as entrelinhas, fundamentadas na abordagem funcionalista de Christiane Nord. Pretendemos, assim, discutir a aplicabilidade do modelo Nord de análise de texto, já que a tradução não foi pensada aqui como uma mera transposição de signos lingüísticos ou uma adaptação plena à cultura de chegada. Para isto, apresentamos rapidamente as contribuições de Reiß e Vermeer, as quais compõem as bases do funcionalismo alemão.

A solicitação da tradução deste corpus foi realizada pela Fundação Histórica de Blumenau, que provê a cidade, os estudantes e os historiadores com um grande acervo, e publica diversas obras, principalmente, sobre a imigração e colonização alemã. A escolha do

¹ Bacharel em Tradução. Mestranda pelo Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC.

² Licenciada em Letras, Língua e Literatura Alemã. Mestranda no PPGL da UFSC – Estudos da Tradução.

livro deu-se com intuito de passar informações sobre a imigração alemã para o Brasil através da voz de uma mulher, pois a maioria dos relatos de viagem, jornais e outros materiais da época é produzido por homens. Heinrichs narra suas experiências na floresta brasileira enquanto colonizadora através de descrições precisas, em uma linguagem cotidiana e idiomática, demonstrando a visão feminina da imigração.

Algumas citações do livro, encontradas em *sites* e livros, demonstraram a relevância desta obra, sobretudo, para estudiosos sobre a imigração alemã para o Brasil, uma vez que há poucos relatos de imigrantes, traduzidos para o português, e que tragam uma visão tão diversa daquela que a literatura brasileira costuma passar sobre a imigração, onde tende-se a esquecer a real perspectiva vivenciada do imigrante. Os relatos de viagem, as histórias e a literatura dos imigrantes são textos profícuos para investigações históricas, lingüísticas e culturais. Neles, são encontradas as raízes de expressões, palavras, sentimentos, costumes ainda presentes na atualidade, assim como daquelas que o tempo já apagou ou que estão se perdendo nas prateleiras das bibliotecas e fundações históricas, e merecem, portanto, ser resgatadas.

A história de *Die Frau des Auswanderers*

Emilie Heinrichs publicou seu livro em Friburgo na Alemanha, em 1921. Nesse livro, Heinrichs relata suas vivências como colonizadora no sul do Brasil, mais precisamente na colônia São Lourenço, para onde emigrou junto com seu marido em 1907 vindos de Münster, Alemanha.

Nas 58 páginas do livro, a autora conta como foi aceitar a decisão do marido de imigrar, narrando também em detalhes sua viagem de vinda no navio Sta. Catarina e sua vivência no Brasil. Como o livro foi escrito, principalmente, para mulheres alemães, as quais a autora pretende convencer a não imigrarem, ele apresenta diversas comparações com a realidade brasileira e alemã no início do século XX. A autora descreve os obstáculos para se iniciar uma colônia, sobretudo na falta de outras pessoas (neste caso, homens), quando a mulher tem que trabalhar pesado: capinar, derrubar floresta, construir cabana e ajudar a cerrar madeira. Destaca também seu repúdio em ter que viver com animais asquerosos e perigosos (aranhas, cobras), bem como combater formigas, ou seja, informações que tinham o intuito de sensibilizar a mulher alemã criada na cidade.

Apesar de afirmar como a terra brasileira é frutífera, Heinrichs alerta para a falta de estrutura e os problemas que isso pode ocasionar ao imigrante. Em um dos exemplos, ela relata os momentos de sofrimento, quando seu marido esteve à beira da morte com tifo, sem

acesso a atendimento médico adequado. Depois de quatro anos na floresta brasileira, o casal resolve retornar à Alemanha, sendo que, após uma década de seu retorno, a autora decide publicar suas experiências, devido às solicitações de mulheres que intencionavam imigrar.

Quadro teórico

A dicotomia da tradução, liberdade x fidelidade, tem sido discutida por estudiosos desde longas datas. O tradutor, segundo Schleiermacher (2001, p. 43), tem apenas duas opções: de se aproximar mais da cultura de partida, afastando-se da cultura de chegada ou o oposto disto, assim cita: “Ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou deixa o leitor em paz e leva o autor até ele”. Ao longo da história, segundo Nord (1997, p. 04), tradutores da Bíblia e de literatura observavam que *different situations call for different renderings*, embora almejassem a fidelidade, palavra por palavra, ao texto de partida. Apenas a partir do século XX inicia-se uma sistematização do que hoje é denominada abordagem funcionalista da tradução.

Em um dos primeiros trabalhos, *Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik: Kategorien und Kriterien für sachgerechte Beurteilung von Übersetzungen* (1971), Katharina Reiß apresenta o conceito de tipologia textual aplicado à tradução, no qual o tipo de texto vai determinar o método de tradução mais apropriado. Por não considerar a tradução uma operação puramente lingüística, mas um processo de comunicação bilíngüe, Reiß realiza uma classificação geral de textos e de seus respectivos métodos. Para elaboração desta conceituação, a autora considera a função de linguagem predominante, com base nas três funções de Karl Bühler (REIß, 1971, p. 32): representação, expressão e apelo, e principalmente a função comunicativa do texto. No texto informativo, por exemplo, já que o objetivo é transmitir a informação, e é orientado para o referente, o padrão de equivalência deve possuir uma invariância no plano de conteúdo e seu método deve ser simples, despretensioso e prosaico (AZENHA, 1999, p. 46).

No entanto, textos são formas híbridas, nos quais essas funções se entrelaçam. Segundo Reiß, apesar do hibridismo presente no texto, a aplicação desta teoria é possível devido à predominância de uma função no texto e à hierarquia entre elas. Para Azenha (1999:49), nem sempre é fácil delimitar estas funções, pois um texto político pode conter inúmeros termos técnicos, o que se confirma também através da análise deste corpus.

Para Hans J. Vermeer, a tradução é, sobretudo, uma ação humana, e “a ação humana é intencional, já que há no mínimo a existência de um desejo livre e uma escolha de no mínimo duas possibilidades de forma de comportamento” (NORD, 1997). A teoria de Vermeer,

chamada de *Skopostheorie*, complementa o conceito utilizado anteriormente por Reiß enfatizando dois aspectos: a cultura e o escopo. Todo texto, segundo Vermeer, serve a um propósito dentro de uma situação comunicativa, logo, o tradutor deverá traduzir e justificar suas escolhas de acordo com ele e fazê-lo funcionar dentro da situação requerida na cultura de chegada.

Assim, a máxima desta teoria – *the end justifies the means* – rompe com os paradigmas da tradução, promovendo uma autonomia maior ao tradutor. O texto de partida representa, nessa teoria, uma oferta de informação. O escopo e a cultura de chegada determinam o método de tradução, o que não significa que uma tradução “palavra por palavra” não possa ser realizada. Na tradução de documentos jurídicos ou no ensino de idiomas, por exemplo, esta forma de traduzir é geralmente necessária. O solicitante de uma tradução proverá o tradutor com informações relevantes ao texto e sua solicitação, denominada, segundo a terminologia de Nord (1991:30), encargo tradutório.

Todas essas informações, juntamente com o escopo de tradução, servem ao tradutor para definir suas estratégias e método de tradução. O texto traduzido deve possuir coerência com a situação comunicativa e a cultura de chegada, bem como ter uma ligação com o texto de partida, o que Vermeer denomina coerência extratextual e intratextual. Conhecer a função textual e o encargo tradutório, de acordo com Nord, não abarca todo o processo tradutório. Segundo ela, deve-se realizar a análise do texto de partida, que tem o objetivo de examinar os aspectos que se tornarão problemas na tradução, de modo que o tradutor possa definir estratégias e orientar suas escolhas.

Com o intuito de aplicação da teoria funcionalista em sala de aula, no treinamento de tradutores, Christiane Nord sistematizou-a, elaborando um modelo de análise de texto para tradução através do livro *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis* (1991). O modelo adotado por Nord inclui a verificação de traços semânticos, estilísticos e lingüísticos associados à situação de comunicação em si, ou seja, considerar os aspectos extratextuais e intratextuais para estabelecer a função do texto de partida em sua cultura, para identificar e isolar seus elementos e preservá-los ou adaptá-los na língua de chegada. O tradutor, a partir da solicitação da tradução, começa um processo no sentido anti-horário para chegar até a produção do texto de partida, com a finalidade de analisar a função do texto na cultura de partida e, a partir daí, verificar o quanto se adequa à cultura de chegada (NORD, 1997).

Durante o processo tradutório de *Die Frau des Auswanderers*, foi feita a análise do texto, fundamentada no modelo de Nord, porém, determinados aspectos não puderam ser

avaliados, já que eram inexistentes como, por exemplo, dados sobre a autora do livro, seu marido e do prefaciador, bem como a recepção do texto de partida. A ausência de certos fatores para a análise compõe aspectos de crítica ao modelo de Nord que, neste trabalho, objetiva verificar a aplicabilidade de sua teoria mesmo na falta desses fatores.

Analisando aspectos extratextuais

Os fatores externos ou extratextuais, de acordo com o modelo de Nord, são estudados ao levantar questões relacionadas ao emissor do texto, à intenção do emissor, ao canal (meio no qual o texto é transmitido), lugar e tempo da produção e recepção do texto, motivo da comunicação e função do texto. Tais fatores, segundo Nord, são analisados antes da leitura do texto, observando a situação na qual está inserido. Pode ser feita ainda uma comparação da expectativa criada através desta análise externa do texto com os resultados do estudo de fatores internos do texto com intuito de verificar a coerência intratextual e intertextual. O emissor e a intenção do texto foram analisados a partir de aspectos intratextuais; já sobre a recepção do texto, nenhum dado foi encontrado. A questão temporal e cultural é apresentada dentro do tópico a seguir.

Contextualização histórica

O Brasil foi, durante pouco mais de um século, de 1824 a 1969, o destino de muitos imigrantes alemães, que vinham à procura de melhores condições do que aquelas existentes na Alemanha que, nessa época, vivia a industrialização. Muitos artesãos tornaram-se assalariados para a indústria, enquanto os camponeses migravam para a cidade, pois já não tinham trabalho para o novo sistema que se instalava. Esse inchaço das cidades teve que ser controlado pelo governo alemão, que passou a incentivar a imigração. Além disso, houve outros motivos que levaram esses alemães a imigrar, como coloca Kasper (2005):

As guerras napoleônicas espalharam terror, caos e miséria pela Europa no período anterior ao início da imigração. A Alemanha, em especial a região fronteiriça à França, havia sido devastada por diversos conflitos entre os dois países, gerando uma emigração em massa para o Novo Mundo. Outro fator que causou a emigração alemã foi a retaliação exagerada das terras, característica da tradição religiosa, onde o primogênito ou o filho mais jovem permanecia nas terras dos pais, tendo os irmãos como súditos.

Ao mesmo tempo, o governo brasileiro disseminava propagandas a fins de colonização e povoamento, principalmente da região sul e, conseqüentemente, de proteção do território nacional, através das quais, ofertava o pagamento da passagem dos colonos, terras cedidas, subsídios em dinheiro e instrumentos de trabalho (WIKIPEDIA, 05 mar. 2008). O governo brasileiro intencionava também o “branqueamento” da população brasileira, que naquela época era constituída em grande parte por negros e mestiços.

Além disso, pretendia a introdução da pequena propriedade agrícola, segundo Kasper (2005), na qual a família agricultora produzia para consumo próprio e abastecia, com o excedente, o mercado interno. Porém, nem tudo foi facilidade para os imigrantes. No livro de Heinrichs, há diversos relatos sobre os impedimentos que tiveram que enfrentar na chegada ao Brasil, e no começo da nova colônia, como podemos ver na seguinte passagem: “Parecia que ele [marido] já se acostumara a xingar e praguejar aqui no Brasil. Ele veio xingando e amaldiçoando o posto alfandegário, pois teve que pagar 185 mil réis, ao contrário do que nos disseram na Alemanha: que as cargas dos imigrantes entrariam sem impostos no país” (HEINRICHS, 2008, p. 18).

Ou seja, as promessas, feitas aos imigrantes pelo governo brasileiro, não eram, na maioria das vezes, cumpridas. O choque maior ocorria na chegada à nova colônia: “Nada para se ver além de floresta, floresta, selva. Ficamos na estrada estreita, cortada da floresta e que já havia crescido em parte. A floresta não podia nos hospedar. Nenhum passo ela nos permitia dar, era tão densa quanto um muro” (HEINRICHS, 2008, p. 22). Heinrichs, ao longo de seu texto, se sensibiliza com as pessoas e com o mundo a sua volta, porém não nega o grande desejo em retornar à pátria, devido ao amor à nacionalidade. As diferenças entre a Alemanha e o Brasil do início do século XX também não permitem sua adaptação ao modo de vida na colônia e no Brasil.

A terra adquirida por Emilie Heinrichs e seu marido pertencia à colônia São Lourenço, atual São Lourenço do Sul, no Rio Grande do Sul. A colonização dessas terras foi iniciada a partir de 1858. Cerca de 88 imigrantes alemães tomaram posse das terras, conforme dados da Prefeitura Municipal de São Lourenço do Sul (PMSLS, 18 abr. 2008). Os primeiros imigrantes para a região vieram em condições muito mais precárias para o Brasil e, ao contrário dos colonos posteriores, não encontraram em terras brasileiras o apoio que esses tiveram, conforme Heinrichs (2008, p. 57):

Para os primeiros colonizadores foi muito pior do que para nós. Começando pela viagem sobre o oceano que era muito mais perigosa do que na nossa época. Precisaram de três meses e dez dias para esta travessia [...] Quando estes imigrantes

chegaram ao Brasil foram deslocados para uma floresta, naquela época, ainda inexplorada. Não havia ruas, nem estradas e eles não encontraram, como nós, bons vizinhos e mãos dispostas a ajudar.

Esses imigrantes eram pessoas simples, sendo que “a minoria sabia ler e escrever”, condições próprias de quem se deixava ser convencida facilmente pelos agentes e corretores para a imigração. O contrário da época, na qual Heinrichs imigrou, pois a classe de imigrantes era de operários e não mais camponeses, portanto, com pretensões maiores que os primeiros imigrantes que, conseqüentemente, se frustravam com as condições oferecidas no Brasil. O contexto imigratório da autora é diferente daquele do século XIX, quando o êxodo do campo já estava consolidado e as pessoas, acostumadas a uma vida urbana.

Entretanto, as dificuldades econômicas e as poucas perspectivas de crescimento na Alemanha faziam com que as pessoas desejassem sua própria terra, como destaca o padre Georg Timpe em seu prefácio: “Este é o agricultor sozinho. E porque ele é este homem, e porque em nossos dias dificilmente se sente falta da terra, nossa mãe universal, que o imigrante sente fome da terra, de sua própria gleba, de seu próprio lar, na sua própria terra” (HEINRICHS, 2008, p. 03). As culturas além-mar eram consideradas exóticas, apesar de que isso seja perceptível ainda hoje. Pouco se sabia na Europa a respeito do Brasil ou, pelo menos, muitos imigrantes tiveram informações falsas de como era realmente a situação aqui.

Mulher e sua época

Durante a Revolução Industrial, quando houve o grande êxodo dos campos para as cidades na Alemanha, a mulher, que era até então camponesa, teve que se adaptar ao modo de vida urbano: pouco espaço, muitas horas de trabalho, famílias menores. A mulher européia, no início do século XX, era um produto dessa adaptação sedimentada da mulher à urbanidade, ou seja, aqui a mulher não era vista apenas como mãe, dona-de-casa, irmã, filha, companheira, mas como mão-de-obra, chefe de família, entre outros.

De fato, na Europa de onde Heinrichs imigrou, a mulher lutava “para formar, manter e sustentar sua identidade, integridade moral” (CABREIRA, 2006, p. 02), ou seja, começava-se a construir o poder de voz da mulher, a se constituir sujeito pelo seu discurso. É através do discurso de Heinrichs que tomamos parte das experiências suas e de seu marido no Brasil republicano no início do século passado. Com exceção da introdução escrita pelo padre Georg Timpe, todo o livro foi escrito do ponto de vista da autora; é nele também que não ficamos sabendo em nenhum momento o nome de seu marido: “Um dia meu marido veio para casa e

mostrou-me com grande alegria uma folha com ilustrações de colônias alemãs no sul do Brasil. Como achei que aquilo não fazia sentido, deixei a revista ali sem dar atenção. Pouco tempo depois, ele me perguntou se gostara das fotos” (HEINRICHS, 2008, p. 06).

Podemos dizer que a representação que se tem da mulher neste livro é, entre outras, a de uma mãe de família, cuja força de trabalho na floresta equivale a de um homem. Tal representação é “consequência de padrões sociais, religiosos, políticos e culturais que determinam como o indivíduo é percebido e construído pelo meio em que vive”, conforme Cabreira (2006, p. 02).

Heinrichs age, pelo menos dentro do discurso e das vivências diárias junto a seu marido, de modo crítico sobre o lugar da mulher na família, na sociedade, sobre sua tarefa, sobre seu posicionamento frente à imigração:

Há muito trabalho também para a mulher [...] O trabalho da mulher cresce na medida da terra plantada (HEINRICHS, 2008, p. 37).
[...] cheguei à firme convicção de que uma mulher alemã no estrangeiro nunca vai superar a saudade de tal forma que possa dizer de todo o coração: encontrei uma nova pátria (HEINRICHS, 2008, p. 44).

O feminino é uma atitude diante da vida, sendo que entendemos a atitude da autora nas entrelinhas de seu texto e no desenrolar da narrativa, como o posicionamento enquanto mãe de família não totalmente apta às consequências da imigração. Considerando o ponto de vista da tipologia textual, o texto de Heinrichs possui nitidamente a função informativa. Porém, está arraigada, com igual força em cada parágrafo do texto, a função apelativa em sua posição e em seu anseio de alcançar outras mulheres com o apelo da não-imigração.

O livro não quer apenas informar as mulheres alemãs como é ser uma imigrante no Brasil, mas fazer com que desistam da idéia de imigrar: “Aqui a vida é difícil, lá, porém é muito mais complicada. Por isso: toda mulher, que tem influência sobre o marido, deve e tem que tentar fazê-lo desistir de imigrar” (HEINRICHS, 2008, p. 68). Pode-se afirmar, pois, que esta literatura informativa vai muito além da descrição; ela tem um alcance ideológico que extrapola a função da tipologia textual. Ainda que a função seja semelhante em ambas as culturas, de partida e chegada, isto é, prover o público com informações sobre a imigração, os motivos da comunicação diferem imensamente: o texto de partida pretende convencer o público; o da língua de chegada, informar o leitor brasileiro sobre a imigração alemã, e isso é factível através da análise intratextual.

Analisando e discutindo os textos

Segundo Nord, a análise dos fatores intertextuais relaciona-se com a matéria do texto em si, através da informação ou conteúdo do texto, as pressuposições de conhecimento do autor, a composição e a construção do texto, os elementos não lingüísticos e para-lingüísticos, as características lexicais e estruturas sintáticas e os traços supra-segmentais. Neste artigo, apresenta-se um resumo da análise desses fatores e, concomitantemente, as soluções de tradução.

Na análise de aspectos não verbais do livro, foi relevante observar a escolha do tipo da letra do impresso: gótico, que possui um caráter mais formal e próprio da época, que tornou a tradução mais lenta. A qualidade impressa do texto de partida dificultou, por vezes, o trabalho, já que trechos apagados obrigaram-nos à exclusão de uma linha inteira para não comprometer a validade das informações.

A imagem da capa mostra uma mulher com um bebê no colo e uma criança pequena à barra de sua saia no meio da floresta, contendo elementos que foram significativos no interior do texto, como a “casa” feita de galhos e palmeiras, a panela pendurada em uma fogueira. Há, em torno do desenho de uma planta como uma moldura, provavelmente, uma trepadeira, cheia de espinhos. Acima, se encontram dois corações, cujos escritos estão ilegíveis.

Essa imagem apóia a principal argumentação da autora do livro que defende a não-imigração de famílias ao Brasil devido principalmente às precárias condições de vida familiar e à educação dos filhos. Em um primeiro contato com a imagem, poderia se inferir que a mulher na figura é a própria escritora, no entanto, Heinrichs não teve filhos na floresta, pois seu único bebê nasce morto e logo em seguida eles retornam à Alemanha. Entendemos que a imagem ilustrava toda imigrante alemã no Brasil.

Heinrichs conta sua história em uma linguagem simples, muitas vezes irônica, descrevendo paisagens e situações com tanta clareza como se estivesse ainda vivendo toda aquela experiência. O uso do tempo presente em determinadas passagens marca a intensidade de suas recordações, constituindo também desafio para a tradução, já que poderia causar uma incoerência intertextual. Portanto, algumas soluções foram utilizar o passado:

Ich sehe im Geiste die schwieligen Fäuste des alten Kolonisten in Pelotas, höre seine Worte: Seht, meiner Frau ihre Hände sind grad so. Meine Hände sollten auch so werden (HEINRICHS, 1921, p. 18).

Lembrava-me dos punhos calejados do velho colono em Pelotas e ouvia suas palavras:

- Veja, as mãos de minha esposa agora são assim!

Minhas mãos também deverão ficar daquele jeito (HEINRICHS, 2008, p. 20).

Nota-se que a descrição é de um fato ocorrido há dez anos e que a autora narra como se fosse algo recente, talvez pelo fato de aqui se tratar de um diálogo. O apelo imanente no texto objetiva o convencimento do leitor a aceitar a propaganda negativa da imigração e opor-se ao que era descrito nos relatos de viagem, que levava à Alemanha uma noção de imigração distorcida e irreal. O prefácio escrito em tom de sermão, por um padre, parece intencional conferir maior credibilidade ao texto, já que foi escrito por uma mulher, e incitar também os homens à leitura.

Muitos recursos estilísticos e lingüísticos usados no texto de partida transpõem a oralidade, como por exemplo, a pontuação. Outro recurso ainda é a repetição de palavras, muito utilizada para memorizar e persuadir o público, cuja observação de sua ocorrência é de extrema relevância, já que revela o caráter apelativo do texto. Assim, se a função textual não fosse considerada, o projeto de tradução poderia atenuar ou anular esse tom, já que repetições são comumente evitadas em textos traduzidos, como no exemplo a seguir:

Jener, die das Leben lebten, wie er es jetzt vorhat, Jener, die um Fortkommen täglich gerungen haben. Jener, die zagten, wie er zagte, die aber auch hoften mit heisser, wildzäher Hoffnung (HEINRICHS, 1921, p. 03).

Aqueles que viveram a vida como ele planeja viver agora. Aqueles que lutaram diariamente para a própria subsistência. Aqueles que recearam, como ele receou, mas que também tiveram esperanças de modo obstinado e fervoroso (HEINRICHS, 2008, p. 03).

Durante a tradução, deparamo-nos com alguns termos que exigiram uma pesquisa mais profunda, assim como uma deliberação maior acerca das escolhas. Alguns exemplos estão ligados à especificidade do termo, como em *die Sonnensegel wurden zum Schutze der Reisenden ausgespannt* (HEINRICHS, 1921, p. 11), ou seja, as velas foram desfraldadas para a proteção dos viajantes, onde *ausspannen* não significa simplesmente esticar ou descansar (LANGENSCHIEDT, 2001, p. 691), mas desfraldar, assim como empregada no âmbito naval.

A palavra *Leinen-Drellstoff* (HEINRICHS, 1921, p. 07) não é localizada facilmente por *Drell*, mas sim por *Drillich*, o que dificultou bastante o encontro do termo correspondente em português: o trespano de linho. Alguns termos apresentaram-se como problemas, pois eram utilizados na época durante a qual o livro foi escrito e estão, portanto, inexistentes em dicionários, como por exemplo, *Zwischendecker* (Id. Ibid. p. 08), traduzido como viajantes de terceira classe, que foi identificado mais facilmente através de fotos de navios antigos na internet (GOOGLE IMAGENS, dez. 2007) e pela narrativa de Heinrichs, como a seguir:

Wenigstens 3000 Zwischendecker, die nach Nordamerika fuhren. Hier konnte ich das Bild sehen, wovon ich schon häufig gelesen hatte vom, ‘Auswandererelend’ (HEINRICHS, 1921, p. 08).

No mínimo 3000 viajantes de terceira classe que partiam para a América de Norte. Pude ver a imagem daquilo que lera muitas vezes: da penúria dos imigrantes (HEINRICHS, 2008, p. 08).

Kötter (HEINRICHS, 1921:49), ou seja, pequenos camponeses de latifundiários, é uma profissão antiga e só através da leitura de sua definição em alemão é que se fez possível uma transposição. Ao se traduzir *Seekrankheit* (idem: 10), ou seja, cinetose, optou-se por um sintagma nominal que fosse mais simples para o entendimento, uma vez que esse termo dificilmente seria reconhecido pelo público alvo. Para tanto, escolheu-se a paráfrase “enjoados do balanço do mar”, com o intuito de evitar confusão semântica no seguinte parágrafo:

Nachdem wir die Kanalenge zwischen Dover und Calais hinter uns gelassen, wurde die See so gewaltig unruhig, dass mein Mann und ich die einzigen Gäste am Mittagstisch waren, alle anderen waren von der Seekrankheit erfaßt (HEINRICHS, 1921, p. 11).

Depois de deixarmos para trás o canal entre Dover e Calais, o mar ficou tão agitado que meu marido e eu éramos os únicos à mesa na hora do almoço; todos os outros ficaram enjoados do balanço do mar (HEINRICHS, 2008, p. 11).

Fez-se necessário acrescentar “balanço do mar”, pois poderia aludir que os passageiros estivessem com enjôo do almoço e, na verdade, eles sofriam de *Seekrankheit*. Não encontramos correspondentes na língua portuguesa que cobrissem todo o valor semântico de *Quersack* (HEINRICHS, 1921, p. 25) e *Raubzeug* (Id. Ibid. p. 33), saco e animal respectivamente, pois o primeiro se refere a um tipo de saco que ficava em parte nas costas e na frente do corpo da pessoa que o carregava, ou seja, um saco transversal. Já o segundo alude a um animal que não é selvagem, mas conta como caça ou pelo menos seus ovos (fazem parte deste grupo: gatos selvagens, gaio-comum, gralha-preta, entre outros).

Os muitos significados que a autora dá para *Garten* (Id. Ibid. p. 34) foram levados em conta na tradução, uma vez que o vocábulo significa jardim; em outro momento, horta e, às vezes, parece aludir a ambos, como nos exemplos a seguir:

Gleich vor der Tür war ein schöner Blumengarten mit Orangen- und Pfirsichbäumen (HEINRICHS, 1921, p. 44).

Bem na frente da porta havia um lindo jardim com pés de laranja e pêssego (HEINRICHS, 2008, p. 51).

Mein Garten um unsere Hütte war rings mit jungen Orangen, Zitronen und Pfirsichen bepflanzt. Gemüse hatte ich immer reichlich (HEINRICHS, 1921, p. 40).

Minha horta em volta de nossa cabana estava cercada com novas laranjas, limões e pêssegos. Legumes sempre havia fartamente (HEINRICHS, 2008, p. 46).

Para a tradução do esporte com discos *Schiffpat* (Id. Ibid. p. 12), praticado em navios, optou-se pela então usada forma no inglês *Shuffleboard*. Já com *Esel* (Id. Ibid. p. 15), literalmente, jumento, um “tipo de cama, simples e prática, usada em todo Brasil”, segundo a autora do livro (Id. Ibid. p. 15), concluiu-se depois de muitas pesquisas que o nome da cama era realmente jumento. Por isso, trata-se possivelmente de uma tradução do português para o alemão por parte da autora, ou de um nome que se tornou familiar entre os alemães ou descendentes dos mesmos aqui no Brasil.

Um termo que causou estranhamento foi *Palmitlatten* (Id. Ibid. p. 29), ou seja, ripas de palmeira, por serem empregadas na construção da casa de Heinrichs e seu marido. Entretanto, após consulta com profissional na área de historiografia, confirmou-se o emprego dessa madeira na construção de cabanas no início das colônias:

In der fünften Woche bauten wir uns eine Hütte aus Palmitlatten (HEINRICHS, 1921, p. 29).

Na quinta semana construímos uma cabana de ripas de palmeiras (HEINRICHS, 2008, p. 33).

Indo um pouco além da terminologia, pelo menos quatro palavras trouxeram muita discussão pelo peso de seu significado no alemão e no português. Cito: *Neger* (negro) e *Heimat* (pátria, terra natal) que aparecem ao longo de todo o livro. *Heimat* foi empregada pela autora com sentidos variados. Em alguns momentos, parecia aludir ao país (Alemanha); em outros, à terra natal, ou seja, sua cidade, usos diferenciados que intentamos sentir e manter durante a tradução.

Outros exemplos são *trabten* (HEINRICHS, 1921:13), ou seja, troteavam e *pechschwarz* (Id. Ibid. p. 14), que foi traduzido por preto como carvão. Com *Neger* e *pechschwarz*, não tentamos atenuar seus significados, assim como *trabten* que, no texto de partida, indicava o andar dos negros que estavam trabalhando na carga do navio Sta. Catarina:

Immer im kurzen Trab, trabten sie an einer Seite von Bord mit einem Zementfaß beladen (HEINRICHS, 1921, p. 13).

Sempre com movimentos curtos, eles troteavam em um lado da embarcação carregando um saco de cimento (HEINRICHS, 2008, p. 14).

No livro de Heinrichs, fica perceptível a imagem que se tinha dos brasileiros, em especial dos negros, naquela época na Europa: preguiçosos, pobres, submissos e transmissores

de doenças. Essa maneira de ver remonta à doutrina racista que permeava a Europa no início do século XX, ou seja, “segundo a qual todas as manifestações histórico-sociais do homem e os seus valores (ou desvalores) dependem da raça [...] e de que existe uma raça superior (‘ariana’ ou ‘nórdica’) que se destina a dirigir o gênero humano” (ABBAGNANO, 1998, p. 822). Como podemos ver no seguinte trecho do livro:

Maceió ist ein Negerdorf. Außer einem Dutzend europäischer Handelshäuser nichts zu sehen als schmutzige Negerhütten aus Lehm. Vor diesen Hütten liegen die Schwarzen wie die Tiere, meist nackt oder nur mit Lumpen bekleidet. Männer wie Weiber rauchen aus kurzen Holzpfeifen und trinken Mattero dazu, einen Tee, der dort wächst. Nur zwei Straßen hatten wir durchschritten, angebettelt von Dutzenden von Negerkindern, da hatte ich genug, es ekelte mich an, hier länger zu verweilen. (HEINRICHS, 1921, p. 13).

Maceió é uma vila de negros. Tirando uma dúzia de casas de comerciantes europeus não há mais nada para se ver do que sujos casebres de barro. Em frente destes casebres, os pretos ficam deitados como animais, a maioria pelada ou vestida com trapos. Tantos os homens, como as mulheres, ficam fumando em pequenos cachimbos de madeira e bebendo Mattero, um chá da região. Andamos apenas duas estradas, interrompidos pelos pedidos de esmola de dúzias de crianças negras, e para mim foi o suficiente; enojava-me demorar um pouco mais ali. (HEINRICHS, 2008, p. 12).

A tradução tentou não atenuar as marcas dessa visão de mundo e da época, presentes no livro. Porém, apesar das tentativas, a forte ideologia presente no texto em alemão dificilmente conseguiu ser transposta com tanta força: “Os negros, portanto, foram largados sozinhos. Homens, mulheres, crianças, milhares ficaram abandonados no país. Com a liberdade, a preguiça inata não os permitia trabalhar, mesmo quando era necessário para manter a própria vida. Eles viviam como criança” (HEINRICHS, 2008, p. 15-16).

Entretanto, não foram apenas termos e palavras a tomar-nos um tempo maior para reflexão, mas também as expressões, como *ein dreiblättriges Kleeblatt* (HEINRICHS, 1921, p. 09), que significa literalmente um trevo de três folhas. Reporta-se aqui, no entanto, a um grupo de três homens. *Färben schön oder schwarz* (Id. Ibid. p. 03) seria, literalmente, pintar bonito ou preto, o que no contexto, contudo, remetia a falar bem ou mal demais de algo. Já em *es fand volle Anerkennung* (Id. Ibid. p. 30), que foi realmente difícil transpor, já que seu sentido literal não constitui uma frase usual no português, para o contexto de que, enquanto alguém apresenta sua casa, o outro a admira e possivelmente elogia. Com base nisso, traduziu-se por “ela foi muito elogiada”.

A tradução de *auf der Nase liegen* (idem: 29) não poderia ser aquela de seu sentido literal: estar deitado sobre o nariz, por isso, depois de algumas pesquisas, encaixou-se o significado de cair no chão. Por fim, há uma passagem no texto de partida que, apesar de não

ser nem terminologia nem uma expressão idiomática, exigiu uma elaboração de modo a se manter seu jogo, como a seguir: *Der Vater, der eigentlich Urgroßvater war, zur Unterscheidung von seinem Vater, der nur Großvater genannt wurde, kurzweg Vater genannt, brachte uns mit seinem Wagen auch jetzt wieder weiter* (HEINRICHS, 1921, p. 20).

Ou seja, há um jogo com *Vater* (pai), *Urgroßvater* (bisavô) e *Großvater* (avô) que, se fosse traduzido para o português, perderia totalmente o sentido, uma vez que as pessoas são identificadas por *Vater* e *Großvater*, sendo que o primeiro seria, na verdade, bisavô e o segundo, tataravô. Vejamos a tradução: “O pai, *der Vater*, que na verdade era o bisavô e que para diferenciação de seu pai, que era só chamado de avô, *Großvater*, ficou com a forma abreviada de *Vater*, nos levou novamente de carroça” (HEINRICHS, 2008, p. 22). Para tanto, optou-se em manter os tratamentos em alemão (*Vater* e *Großvater*) que, no texto de partida, funcionam como nomes, e destacados em itálico.

Considerações finais

Através da aplicação do modelo de análise de Nord, foi possível compreender melhor o universo que circundava o texto e a partir dele, conseguir soluções mais adequadas para aspectos lingüísticos. O fato de traduzir sempre considerando o escopo e o encargo tradutório não significou um distanciamento da língua e da cultura de partida, principalmente, devido à semelhança das funções do texto, apesar das diferenças nos propósitos da comunicação. Observamos que mesmo na ausência de determinados fatores extratextuais, como informações sobre o emissor, foi possível fazer inferências sobre sua intenção através de uma análise minuciosa do texto.

Portanto, esta abordagem se confirma coerente e de grande utilidade para sua aplicação na tradução de textos. Outro fator, de igual relevância, demonstrou que o fato de diferentes funções textuais coexistirem dentro do mesmo texto reafirma a crítica ao modelo de Reiß pela dificuldade de distinção de maior predominância de uma função. Porém, observar a existência delas torna possível uma compreensão mais profunda do texto, justificando as escolhas tradutórias. *Die Frau des Auswanderers* nos mostrou ainda a literatura de imigrantes como um texto rico em possibilidades investigatórias nos âmbitos da história, lingüística e literatura.

ABSTRACT: Based on the functionalist approach, this paper aims at applying Christiane Nord's translation model to textual analysis in a corpus of German literature on immigration as well as discussing the solutions found during the translation process. The corpus employed

is the German book *Die Frau des Auswanderers*, written by Emilie Heinrichs in 1921 and its forthcoming translation in Brazil. We conclude that translators are oriented during their translating strategies and choices by using Christiane Nord's translation model. It is still valid, even though some required factors for corpus analysis are missing. Besides, our study points to the usefulness of migration texts for academic research in fields such as Literature, Linguistics and History.

KEY-WORDS: Functionalism. Historical texts. Migration Literature. Textual Tipology. Translation.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Racismo. In: ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. 2. ed. São Paulo: Martins. Fontes, 1998.

AZENHA, João. *Tradução, técnica e condicionantes culturais*: Primeiros passos para um estudo integrado. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 1999. 158 p.

CABREIRA, Regina Helena Urias. *A condição feminina na sociedade ocidental contemporânea*: uma releitura de *A letra Escarlata*, de Nathaniel Hawthorne. Florianópolis, 2006. 300 p. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina.

GOOGLE IMAGENS. Zwischendecker. Disponível em: <http://images.google.de/images?sourceid=navclient-ff&ie=UTF-8&rlz=1B2GGFB_deBR224BR226&q=zwischen-decker&um=1&sa=N&tab=wi>. Acesso em: dez. 2007.

HEINRICHS, Emilie. *Die Frau des Auswanderers*: Erlebnisse einer Kolonistenfrau in Südbrasilien. Freiburg. Br.: St.-Raphael-Verein, 1921. 58 p.

HEINRICHS, Emilie. *A mulher do imigrante*: vivências da esposa de um colono no sul do Brasil. Trad. por Adriana Maximino dos Santos. Não publicado. Traduzido em 2008. 69 p.

HOEPNER, Lutz; KOLLERT, Ana; WEBER, Antje. *Langenscheidts*: Taschenwörterbuch Portugiesisch. Berlin;Munique: Langenscheidt, 2001. 1248 p.

KASPER, Angelita. A história dos alemães no Brasil e seu envolvimento como o progresso econômico da nação. *Brazine Berlin*, 17, 15 mar. 2005. Disponível em: <<http://www.brazine.de/artikel.asp?rubrik=archiv&artikel={62C52E9D-C5C1-40FF-9199-7ACEC9952ACE}>>. Acesso em: 18 abr. 2008.

LEAL, Alice B. *Funcionalismo alemão e tradução literária*: quatro projetos para a tradução de *The Years* de Virginia Woolf. Florianópolis, 2007. 135 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina.

NORD, Christiane. *Text Analysis in Translation: Theory Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*. Amsterdam; Atlanta: Rodopi, 1991. 284 p.

NORD, Christiane. *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches, Explained*. 1ª ed. 1997. Manchester: St. Jerome, 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LOURENÇO DO SUL. *História da cidade*. Disponível em: <http://www.saolourencodosul.rs.gov.br/conteudo.php?ID_PAGINA=7>. Acesso em: 18 abr. 2008.

REIB, Katharina. *Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik*: Kategorien und Kriterien für sachgerechte Beurteilung von Übersetzungen. Munique: Max Hueber, 1971.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. [Por: Margarete von Mühlen Poll]. In: Guerini, A. et al. *Antologia bilíngüe: clássicos da Teoria da Tradução*. Florianópolis: UFSC/NUT, 2001. p. 26-87. v. 1.

WIKIPEDIA. *Imigração alemã no Brasil*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o_alem%C3%A3_no_Brasil>. Acesso em: 05 mar. 2008.